

De Apolo à individuação: as energias do mito nos desdobramentos da relação psicoterapêutica.

Amanda Bonfim de Assis¹

Letícia Faria Martins²

Mauro Sérgio da Rocha³

Resumo

O presente trabalho objetiva uma pesquisa que compreenda a relação entre a figura de Apolo e o processo psicoterapêutico. Revela aspectos positivos e negativos que esse mito pode trazer, de forma simbólica, para as trocas realizadas dentro do setting terapêutico. Informa sobre os objetivos da psicoterapia no processo de cura por meio da transformação e considera que durante o processo podem existir interferências capazes de prejudicar o desenvolvimento psíquico do cliente assim como levá-lo ao esclarecimento de forma mais conclusiva. Assim, através da perspectiva analítica, analisa aspectos relacionados ao uso da mitologia e da figura mítica para entendimento das relações envolvidas no processo psicoterapêutico e expõe as possibilidades encontradas dentro do setting a partir das características de Apolo. Com essa finalidade, chega um entendimento sobre as influências que a luz de Apolo causa durante os atendimentos, iluminando o processo psicoterapêutico a fim de proporcionar a integração da identidade dos sujeitos e, por conseguinte, a estruturação do ego e o encontro com o processo de individuação. Em síntese, considerando aspectos positivos e negativos, conclui que a presença de Apolo pode auxiliar mas também prejudicar o processo psicoterapêutico quando se forma uma faceta cristalizada dentro do atendimento psicoterapêutico. Considerando estes conteúdos, o presente escrito se faz através de uma pesquisa bibliográfica e segue uma análise construtiva proposta pela psicologia analítica.

Palavras chaves: Psicologia Analítica; Mitologia; Simbolismo; Psicoterapia do Indivíduo.

From Apollo to individuation: the energies of myth in the developments of the psychotherapeutic relationship.

Abstract

¹ Acadêmica do curso de psicologia UNIPAR – Umuarama.

² Acadêmica do curso de psicologia UNIPAR – Umuarama.

³ Docente do curso de psicologia UNIPAR – Umuarama.

The present work aims to carry out research that comprehends the relationship between the figure of Apollo and the psychotherapeutic process. It reveals positive and negative aspects that this myth can bring, in a symbolic way, to the exchanges carried out within the therapeutic setting. It informs about the objectives of psychotherapy in the healing process through transformation and considers that during the process there may be interferences capable of harming the client's psychic development as well leading them to enlightenment in a more conclusive way. Therefore, through an analytical perspective, it analyzes the aspects related to the use of mythology and the mythical figures to understand the relationship involved in the psychotherapeutic process and exposes the possibilities found within the setting based on Apollo's characteristics. With this purpose, an understanding is reached about the influences of Apollo's light causes during the psychological support, illuminating the psychotherapeutic process in order to provide the integration of the subject's identity and, consequently, the structuring of the ego and the encounter with the individuation process. In summary, considering the positive and negative aspects, it concludes that Apollo's presence can help but also harm the psychotherapeutic process when a crystallized facet is formed within the psychotherapeutic treatment. Considering these contexts, the present writing is carried out through bibliographical research and follows a constructive analysis proposed by analytical psychology.

Key words: Analytical psychology; Mythology; Symbolism; Individual Psychotherapy

De Apolo a la individuación: las energías del mito en el desarrollo de la relación psicoterapéutica.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo una investigación que comprenda la relación entre la figura de Apolo y el proceso psicoterapéutico. Revela aspectos positivos y negativos que este mito puede aportar, de manera simbólica, a los intercambios realizados en el ámbito terapéutico. Informa sobre los objetivos de la psicoterapia en el proceso de curación a través de la transformación y considera que durante el proceso pueden existir interferencias capaces de perjudicar el desarrollo psíquico del cliente así como conducirlo a la iluminación de forma más concluyente. Así, a través de una perspectiva analítica, analiza aspectos relacionados con el uso de la mitología y figuras míticas para comprender las relaciones involucradas en el proceso psicoterapéutico y expone las posibilidades que se encuentran dentro del escenario a partir de

las características de Apolo. Con este propósito, se llega a comprender las influencias que la luz de Apolo provoca durante las consultas, iluminando el proceso psicoterapéutico para propiciar la integración de la identidad de los sujetos y, en consecuencia, la estructuración del ego y el encuentro con el proceso de individuación. En resumen, considerando aspectos positivos y negativos, se concluye que la presencia de Apolo puede ayudar pero también perjudicar el proceso psicoterapéutico cuando se forma una faceta cristalizada dentro de la atención psicoterapéutica. Considerando estos contenidos, este escrito se realiza a través de una investigación bibliográfica y sigue un análisis constructivo propuesto por la psicología analítica.

Palabras clave: Psicología Analítica; Mitología; Simbolismo; Psicoterapia del Individuo

Introdução

Ao adentrar a prática da psicoterapia segundo a abordagem analítica, é preciso compreender as influências que o profissional exerce sobre o cliente de forma positiva mas também de forma negativa no processo de individuação e autoconhecimento. Logo, é importante observar as trocas existentes no setting, visto que tanto o psicoterapeuta quanto o cliente desempenham um papel no encontro analítico, um influenciando o outro. Por essa consideração, o foco deste trabalho será refletir como a mitologia, em especial o mito de Apolo, pode ser utilizado e/ou influenciar no processo psicoterapêutico. Isso visa explorar como as representações simbólicas da realidade podem interferir no espaço e nas trocas entre analisando e analista.

Com esse objetivo traça-se um caminho para alcançar pontos necessários para a compreensão do tema. Esses pontos perpassam pelo papel da psicoterapia e sobre qual o seu objetivo dentro da perspectiva da psicologia analítica. Identifica-se, assim, como é o processo de clareza sobre si mesmo, contando com a participação do terapeuta.

Neste contexto, também se observa a importância que a teoria atribui a mitologia, utilizando-a para explicar e exemplificar expressões dos sujeitos, seus ritos, e até mesmo papéis profissionais na sociedade. Dentro do processo psicoterapêutico, pensa-se na influência que esses conteúdos podem exercer dentro do setting terapêutico, e como o mito pode trazer à luz o entendimento sobre a relação psicoterapêutica e os fatores que nela estão envolvidos.

Desta maneira, compreendendo que as mitologias são representações simbólicas da realidade, usa-se o mito de Apolo para melhor compreender alguns dos fenômenos que podem irromper na relação terapêutica. Assim como essa figura é conhecida como deus do Sol, possuidor de todo o conhecimento e por levar os sujeitos a tomar clareza de si, o psicoterapeuta

é muitas vezes visto da mesma forma. Neste sentido, caberia ao analista a responsabilidade de levar seu cliente ao contato com a totalidade psíquica, contribuindo para uma clarificação de seus conteúdos inconscientes.

Ademais, é preciso compreender desde o início, que o aparecimento do deus Apolo dentro do setting possui dois pólos. Um positivo, em que o psicoterapeuta se identifica com a característica do deus de prazer pela técnica e, assim, auxilia na organização dos conteúdos do cliente para que ele possa obter a clareza sobre eles e sobre si. E seu lado negativo, levando em consideração a cristalização de uma persona de Apolo, julgando-se como o único responsável pela evolução do cliente, transformando a relação terapêutica em uma relação vertical que acarreta prejuízos ao processo de desenvolvimento individual e singular de cada sujeito que adentra a clínica psicológica.

Isso posto, deve se ter em vista, que neste trabalho, entende-se que o foco da psicoterapia é facilitar o caminho de cada indivíduo no seu processo de cura, atentando-se para a importância em dar espaço para que os sujeitos andem segundo suas próprias vontades, assumindo o controle de sua vida e levando o processo terapêutico para além do setting. Com esse fim, é indispensável que o profissional esteja atento aos seus próprios conteúdos, conscientes e inconscientes, para que não venha a prejudicar o desenvolvimento do seu paciente.

A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica sobre artigos científicos e livros que pudessem contribuir com o tema. Houve, dessa forma, a busca e a identificação de materiais científicos que apresentam interpretações simbólicas sobre o tema proposto e sobre a metodologia de um processo psicoterapêutico desenvolvido por Jung. Considerou-se, juntamente, outros autores que prezam pelo processo construtivo da perspectiva junguiana e do pensamento proposto por Samuels (1989) de interação entre as escolas de psicologia analítica. Faz-se notar também a base estruturada em Guggenbühl-Craig (2004) e suas reflexões sobre a relação de poder que há entre o psicoterapeuta e o cliente em certas condições.

As reflexões aqui propostas, iniciam-se com a exposição do que vem a ser o papel da psicoterapia para a abordagem analítica, pensando em quais são os seus objetivos e como eles se dão dentro do encontro analítico. Assim, avança-se pela relação psicoterapêutica de forma mais clara ao encontro deste deus Apolo que valoriza a clareza e a técnica, muitas vezes, em detrimento de uma reflexão sobre sentimento e totalidade⁴.

1. Qual o papel da psicoterapia?

⁴ Ver Apolo e Psique em: Bulfinch, Thomas (2002). O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis. Rio de Janeiro : Ediouro. Aqui não se entrará nos detalhes que percorrem esse mito.

Para Jung (2011), a psicoterapia surge como a condição básica que assinala a tomada de consciência através do entendimento de conteúdos psíquicos. Assim, por meio do reconhecimento e desenvolvimento psicológico, o sujeito aprende sobre si e sua relação com os demais. Para este autor, é neste percurso também que conteúdos inconscientes podem irromper através da catarse, momento em que o indivíduo entra em contato com seus conteúdos de forma intensa, energeticamente falando. Por isso, a psicoterapia se constitui de métodos e técnicas pelos quais se exige um cuidado individual, do cliente e do profissional.

Pensando sobre os objetivos da psicoterapia e entendendo que o indivíduo é capaz de se curar através da sua própria natureza, este processo não se apresenta como unilateral. Ela leva em consideração a multiplicidade humana, refletindo sobre as divergências e convergências entre conteúdos coletivos e individuais em encontro ao processo de individuação. E, neste percurso, objetiva fazer com que cada pessoa possa reconhecer a si mesma, assumindo sua maneira de ser frente a coletividade (Jung, 2011).

Para tanto, é indispensável que o processo psicoterapêutico siga além do setting terapêutico, para que o indivíduo, progressivamente, tenha domínio sobre seus conteúdos psicológicos. Neste sentido, a psicoterapia apresenta também seu caráter pedagógico e faz com que se coloque luz aos conteúdos inconscientes. Jung (2011) ainda ressalta que a tarefa do psicoterapeuta compreende tornar as atitudes do paciente conscientes e não em correr atrás de memórias submersas da infância esquecida, tendo em vista que, se os conteúdos infantis influenciam o sujeito significa que estão no presente e não no passado.

Ainda com relação a psicoterapia, Jung (2011) explica que a metodologia dela se altera considerando as idades. Por essa reflexão, percebe-se que a psicologia de meia idade, difere de uma psicologia infantil ou de um adolescente. Os conteúdos constelados em um jovem adulto são diferentes das representações de alguém que está envelhecendo, na juventude o indivíduo sofre por sentir hesitação de qual caminho deve seguir, já o idoso sofre por ter consciência da morte que está por vir. Percebe-se que as diferenciações de cada caso e de cada fase devem ser respeitadas, o profissional preza assim pela individualidade e os momentos maturacionais do sujeito. É preciso considerar a natureza de cada caso particular e os fenômenos inconscientes que estão envolvidos em cada momento da vida.

O processo psicoterapêutico para Jung (2011) não é apenas tomar conhecimento dos conteúdos inconscientes que podem levar aos sintomas neuróticos e as crises, ou até mesmo de onde foram originados. O objetivo é compreender como estes fenômenos estão sendo compreendidos e vivenciados pelo cliente, ou aquilo que ele denominou de telos, o sentido final

daquela ação desenvolvida e como o sujeito lida com essas representações simbólicas e significativas.

Em outras palavras, a psicoterapia proporciona levar o cliente ao caminho do autoconhecimento, auxiliando na identificação dos seus conteúdos afetivos e seus efeitos sobre a psique. Sabendo que as perturbações psíquicas estão associadas com a quantidade de energia mobilizada no aparelho e, por isso, neste seguimento e no decorrer da vida do sujeito, faz-se necessário compreender quais são os afetos que estão mais energizados/constelados e como estes influenciam o ego. A partir dessa compreensão, diminui-se a ação inconsciente desses conteúdos. Isso faz com que o ego se fortaleça e estabeleça uma relação saudável com o Si-mesmo. Como consequência disso, ao relacionar-se consigo mesmo, suas relações interpessoais também se tornarão melhores (Kast, 2019).

Todavia, é necessário considerar que a evolução da estrutura psíquica não pode ser definida por um curto espaço de tempo. Como o progresso do sintoma gerado pelo complexo se faz no decorrer de anos, não teria como exigir um curto período para se corrigir. Advém disso, a perspectiva de que um processo psicoterapêutico demande uma periodicidade de tempo considerável.

A partir deste entendimento sobre a psicoterapia, percebe-se o quanto esta pode colaborar com o cliente em seu processo de autoconhecimento, na sua dificuldade em compreender-se e no papel de proporcionar ao analisando a noção de que a vida é constantemente transformada por situações positivas e negativas. E ela auxilia no suporte nos momentos de sofrimento, mesmo aqueles de difícil compreensão (Guggenbühl-Craig, 2004). Para isso, é necessário que o analista incentive o cliente a realizar suas próprias confrontações, a fim que consiga tomar consciência e finalmente obter clareza sobre si mesmo. Não esquecendo que, por ser uma relação terapêutica, cabe também ao profissional compreender a si e toda essa problemática envolvida. É neste sentido que o processo, dos envolvidos, deve seguir uma transparência sobre os conteúdos envolvidos.

2. Clareza sobre si mesmo

Jung (2013) traz a consciência como sendo a relação dos conteúdos psíquicos com o ego e, assim, é possível compreender que o mesmo a conduz. Edinger (1993) afirma que os elementos da consciência tem sua origem no inconsciente, sendo por meio dela que o psicoterapeuta se relaciona com os conteúdos do paciente. Entretanto, Ameriks (2009) explica que a mesma não pode ser definida por estar na base de todo conhecimento.

Por esse caminho, percebe-se que na relação analista e analisando, entra em jogo consciente e inconsciente de ambos. Por isso, é possível afirmar que por meio desse contato realizado dentro do setting terapêutico é possível que o terapeuta por meio do consciente de seu paciente, reconheça aspectos inconscientes que podem levar à transformação do ego e da psique (Guggenbühl-Craig, 2004).

À medida que o ego volta-se para o inconsciente ocorre algo que faz com que o sujeito retome consciência novamente somente quando ocorrer a separação do ego do sujeito com o conteúdo. Nesse processo de tomar consciência e de separar o sujeito do objeto, Edinger (2004) associa com o uso do espelho, onde ao se colocar à frente de um espelho o sujeito seria capaz de olhar além da consciência, possibilitando confrontar-se com seus conteúdos mais profundos e passando a perceber suas experiências vividas. Ou seja, qual a imagem e sentido que o sujeito dá para sua vida. Nesta ação, pode-se afirmar que o espelho concede ao sujeito possibilidade de separar o ego do objeto de identificação, trazendo-lhe à consciência imagens antes ocultas, conteúdos que antes estavam na sombra e que agora podem ser trazidos à luz.

Logo, para que o psicoterapeuta possa de fato auxiliar o cliente neste processo de promover ao ego o contato com as profundezas de seus conteúdos, o próprio profissional também precisa entrar em contato com seus pontos inconscientes e confrontá-los (Guggenbühl-Craig, 2004). Dessa forma, será capaz de identificar quais conteúdos pertencem a si mesmo e quais são os do cliente e, ao identificá-los, consegue diferenciar-se e apresentar ao analisando o que é dele, para que assim tome posse e consciência e tenha clareza sobre seus conteúdos e, conseqüentemente, Si-mesmo.

Esse fenômeno de diferenciar os conteúdos que pertencem ao profissional e ao analisando, é denominado também de esclarecimento - uma parte do processo da psicoterapia (Jung, 2011). É o momento em que se compreende quais conteúdos o sujeito está projetando, na relação terapêutica e nas demais relações. Nesta condição, entre cliente e profissional ocorre a chamada transferência e, como consequência, a reação emocional do analista perante essa projeção denomina-se contratransferência (Kast, 2019). Esta relação pode auxiliar o processo ou atrapalhar o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos (Guggenbühl-Craig, 2004).

Dentre as possibilidades de conteúdos que podem ser transferidos do paciente ao terapeuta está a distorção da relação analítica com base em seus padrões de relacionamento anteriores, advindos de algum complexo (Kast, 2019). Sendo assim, o cliente pode ter a convicção de que o analista tem o poder de solucionar todos os seus problemas e projetar no outro a responsabilidade de ser o único capaz de salvá-lo de seus conflitos internos. Esta relação, através destas projeções, pode gerar como consequência, um impacto negativo sob o analista.

Considerando o que diz Guggenbühl-Craig (2004), nesta relação pode ocorrer do cliente mobilizar partes da sombra do profissional e, conseqüentemente, a relação se alterar negativamente por ser inconsciente. Este papel pode estar conectado a identificação do terapeuta como salvador do paciente, devido a projeção do analisando realizada sobre o analista.. Outros pontos sobre o lado sombrio do terapeuta estão no fato de que o cliente pode mobilizar conteúdos do inconscientes que levam o profissional a internalizar que o sujeito é mais desenvolvido que os demais por fazer uma análise com ele e/ou faz com que o ego do analista acredite que sabe mais sobre a vida do cliente que o próprio cliente. Estes são pontos que produzem uma inflação do ego do profissional, fazendo com que perca o foco e adentre a uma posição elevada, porém, inconsciente (Guggenbühl-Craig, 2004).

Dessa forma Guggenbühl-Craig (2004) escreve e apresenta as dificuldades vivenciadas pelo psicoterapeuta ao tentar colaborar com os pacientes a se tornarem mais conscientes. Pois este também deve ser resultado do próprio trabalho. E neste ponto pode se problematizar esta questão da ajuda do psicoterapeuta, sendo interpretada muitas vezes como se a participação do cliente no processo fosse passiva, depositando no analista o poder sob a vida do sujeito.

Isto pode ser maléfico para o cliente, pois, segundo Franz (2021), o indivíduo precisa compreender que o divino está em si próprio, e não assimilá-lo com base em outra pessoa. Com isso clarifica-se que o cliente precisa entender que quem o ajuda é ele mesmo, que ele é o responsável pelo seu desenvolvimento e a psicoterapia é apenas uma ferramenta que pode facilitar sua tomada de consciência. Assim como o terapeuta precisa ter consciência de que a pessoa pode caminhar com as próprias pernas, de que ela é a responsável por sua vida e que é capaz de compreender-se por si mesma.

Portanto, quando no processo de esclarecimento, o psicoterapeuta consegue identificar a existência da projeção, torna-se capaz de mobilizar o ego do analisando a olhar para si e aproximar-se de Si-mesmo. De acordo com Franz (2021), o principal desenvolvimento interno é este conhecimento entre o ego e o Si-mesmo, proporcionando a clareza sobre os conteúdos e, como dito anteriormente, objetivo da prática da psicoterapia.

Somado a isso, o esclarecimento da transferência na relação terapêutica, segundo Kast (2019), leva o cliente a se libertar da dependência dos objetos externos e, neste caso, do psicoterapeuta. Dessa forma, o profissional conseguirá criativamente incentivar o analisando no desenvolvimento do seu autoconhecimento. Auxiliando esse trabalho, segundo Franz (2021), encontra-se o trabalho criativo e imaginativo construído a partir de uma relação dialética entre os envolvidos e os conteúdos psíquicos dos que ali estão. Segundo esta autora, isso seria

uma forma do cliente obter clareza sobre si mesmo, objetificando seus conteúdos inconscientes e se relacionando com eles em seu estado desperto.

No entanto, como dito acima, o terapeuta só poderá de fato cumprir seu papel como analista se, de fato, tiver conhecimento sobre seus aspectos sombrios. Pois, como diz Zweig e Abrams (1991), o maior impacto que a sombra pode causar é quando o sujeito não tem consciência dela. A sombra pode ser definida como um outro lado da personalidade humana ou, melhor dizendo, como o lado muitas vezes oculto da personalidade. Nela se encontram os desejos reprimidos, as emoções consideradas inadequadas - como raiva, inveja, cobiça, tristeza -, afetos e dons não desenvolvidos, ou seja, tudo aquilo que desagrade o ego e que ele deseja esconder (Zweig e Abrams, 1991). Sendo assim, pode-se considerar a sombra como elemento essencial a ser analisado dentro da relação psicoterapêutica. Visto que o inconsciente do analisando age sobre o inconsciente do analista e vice-versa, a sombra de ambos se torna parte fundamental do processo.

O fato é que, mesmo que o ego do psicoterapeuta tente ao máximo reprimi-la, ela nunca desaparecerá por completo. Ela se mostra nas projeções feitas sobre o analisando, quando o analista reage de maneira intensa a algum aspecto do cliente (Zweig e Abrams, 1991). A projeção da sombra do analista pode ser tamanha que o impede de fazer uma distinção moral entre ele mesmo e a sua percepção do cliente.

Assim, quando o terapeuta não tem consciência de sua sombra e muito menos do excesso desta, ele pode cair numa pretenciosa compulsão de querer salvar os seus clientes, ajudá-los e curá-los, sem ter a consciência de que essa expressão da sombra gera a distorção e a dependência do cliente pela relação terapêutica, e também do profissional para com o cliente (Zweig e Abrams, 1991). O profissional tem a percepção de que o analisando não pode seguir a vida com os próprios passos, e o analisando por sua vez, crê que o terapeuta é o único que pode ajudá-lo.

Quando se estabelece uma relação inconsciente, forma-se uma codependência, adentrando ao campo da participação mística. O profissional identifica-se e vincula-se de tal forma ao cliente que não consegue se separar, não vendo um objeto externo a ser analisado (Zweig e Abrams, 1991). Isso porque está sendo influenciado por sua sombra, sendo incapaz de compreender com clareza os conteúdos do outro, visto que misturaram-se aos seus.

Com isso, quando o terapeuta não reconhece seus próprios conteúdos, acaba por impedir o paciente de encontrar o caminho para a resolução de seus conflitos. Guggenbuhl-Craig (2004) fala sobre a postura do psicoterapeuta charlatão e/ou falso profeta, uma forma inconsciente de estar na relação que permite a atuação da sombra na diminuição do sofrimento do cliente a fim

de satisfazer sua vontade. Dessa forma, continua o autor, o profissional usa seus conhecimentos apenas para se autopromover, não pensando no desenvolvimento terapêutico do paciente.

Desta forma, torna-se imprescindível que o terapeuta tome consciência de sua sombra, pois este sabe que ela não irá sumir ou ser eliminada. Não ter conhecimento sobre os próprios conteúdos inconscientes e qual o impacto que eles podem ter sobre a relação terapêutica pode trazer inúmeras consequências. Sendo assim, quando o terapeuta aceita a existência de sua sombra e toma consciência sobre os conteúdos que nela estão, pode observar com clareza o andamento do processo considerando quais conteúdos de fato são seus e quais pertencem ao cliente (Zweig e Abrams, 1995). Além disso, o terapeuta ao se confrontar com o espelho e se observar atentamente, reflete sobre quais são suas intenções com o caso, se está agindo de forma a vangloriar-se com o intuito de obter seu próprio benefício, ou se realmente está pensando em prol do desenvolvimento interior do cliente (Guggenbühl-Craig, 2004).

Considerando o exposto, outro fator que pode colaborar para que o profissional tenha clareza sobre si mesmo é a compreensão e o conhecimento de seu mito pessoal. De acordo com Campbell (2008) o mito pessoal está relacionado com o contato que o consciente faz com o inconsciente, perpassando pela mitologia pessoal do ser, possibilitando o contato do ego com as demais partes da totalidade psíquica.

O psicoterapeuta consciente desses conteúdos, possibilita o encontro consigo mesmo e o contato com seus conteúdos menos desenvolvidos - a sombra, por exemplo - e auxilia seus clientes a seguirem pelo mesmo embate. Neste sentido, a consciência trará iluminação às regiões sombrias e inconscientes, fazendo com que o mesmo possa colaborar com seus clientes na jornada rumo à individuação. Neste percurso, o profissional pode se encontrar com a figura de Apolo, aquele que traz clareza e desenvolvimento. Logo, refere-se ao que nos impulsiona a viver e a conexão com a totalidade, ou seja, com o Si-mesmo e a tomada de consciência (Jung, 2002a).

Considerando a grande relevância que Jung (2023) atribui aos mitos, pode-se recorrer à mitologia para facilitar a compreensão dos fenômenos que ocorrem dentro do setting terapêutico, inclusive sobre a relação que existe entre o analista e o analisando. Pensando nisso, no processo até agora explanado, observa-se a imagem de Apolo em seus pólos positivos e negativos - com sua razão e técnica, por um lado, e sua iluminação cega, por outro. Entretanto, primeiramente é preciso entender a importância da mitologia para a psicologia analítica e, posteriormente, realizar a associação entre o mito de Apolo e o papel do psicoterapeuta enquanto profissional, dentro do processo terapêutico.

3. Presença de Apolo no setting terapêutico

A mitologia está diretamente ligada a uma prática sagrada e a uma experiência religiosa, diferencia-se de uma experiência da vida quotidiana por ter um aspecto misterioso e a capacidade de serem transmitidas por figuras de linguagens. Hoje, essas representações acabam sendo reduzidas à arte figurativa e à literatura erudita, mas, não se pode afirmar que a mitologia perdeu seu elemento mítico. Ao serem transmitidas, se transformam e enriquecem com o passar dos anos, sofrendo influência de novas culturas, e apesar das modificações ocorridas pelo tempo, os mitos continuam vivos na sociedade mantendo seu papel de fundamentar e justificar o comportamento humano (Campbell, 2008 ; Eliade, 2019).

Diante de tantas críticas, os mitos perderam seu caráter sagrado e começaram a ser vistos através de suas interpretações, em que passam a ser compreendidos pelos seus significados ocultos. Desta forma, a mitologia utiliza-se da ambiguidade para exercer mais de um sentido para se explicar algo ou, como afirma Jung (2016), usando máscaras que escondem as verdadeiras narrativas das histórias.

Os mitos podem expressar a realidade humana através de representações não verbais do inconsciente coletivo que se manifestam por meio de símbolos que permitem elucidar conteúdos. Assim, são imagens que lançam-se por meio das analogias e associações. Como o inconsciente coletivo é uma estrutura psíquica presente em todos os indivíduos, pode-se afirmar que, conseqüentemente, os mitos também estão presentes em cada sujeito e fornecem um significado vital a todos (Jung, 2002b). Além disso, os mitos permitem a compreensão dos fenômenos da natureza da vida do ser humano, toda a história em que ele está envolvido, contando todos os processos, de vida, de morte, de nascer, de ser jovem, de ser idoso, e assim por diante (Campbell, 1985).

Assim, estando os mitos relacionados à busca da verdade e sentido de vida, auxiliam os sujeitos a compreender suas singularidades, descobrir quem são e experienciar o sentido de estar vivo. Logo, os mitos oferecem a representação originária da alma pré-consciente, são as ações do inconsciente e as metáforas dos processos físicos. Como símbolos que convidam a olhar para dentro, para o inconsciente e experienciar de forma individual um conteúdo arquetípico que se constituiu pelas experiências vividas. Isso significa que o mito convida a personalizar um conteúdo arquetípico (Jung, 2002b) e, por meio dele, pode-se compreender mais sobre o ser humano coletivo e individual, pois cada imagem arquetípica relaciona-se com padrões de comportamentos de nossas vivências - sendo influenciado pela cultura, história e religião.

É possível dizer que o mito passa a dar forma aos arquétipos quando levados a consciência. Proporciona o conhecimento aprofundado dos conteúdos do sujeito, permitindo o vínculo entre o mundo psicológico interior e o mundo exterior dos fenômenos auxiliando no processo psicoterapêutico de cura. Com isso, além de auxiliar na compreensão do que é o ser humano, ele permite perceber de que forma o conteúdo pode influenciar as relações. Inclusive os fenômenos abarcados dentro do setting terapêutico entre o terapeuta e o cliente (Jung, 2023).

O mito age também como uma força vital em cada sujeito que, ao conhecer o próprio mito, encontra possibilidade para uma relação consciente que abre espaço para um novo caminho a percorrer. Isto é, ao tomar consciência individual abrem-se possibilidades para mudanças. Inclusive o caminhar no processo de individuação, compreendendo a singularidade de si mesmo e dando autoridade ao Si-mesmo (Campbell, 2008).

Ademais, Campbell (2014) diz que o mito além de trazer conhecimentos sobre a própria realidade da vida, identifica-os como ritos mitológicos. Os ritos permitem explicar o que é o casamento, o que é ser profissional, o que é a passagem de um período da vida para outros, o que é ser criança, o que é ser adulto, enfim, abre portas para que o imaginário do ser humano possa compreender o motivo da sua existência.

Quando citado que o mito permite a compreensão do ser humano de forma individual e coletiva, Campbell (2014) explica-o de duas formas. A primeira seria que esse relaciona o indivíduo com a própria natureza e com o mundo no qual faz parte, e a segunda forma seria a sociológica, que liga o indivíduo a uma sociedade específica. Dessa forma, não é utilizado para que o ser humano controle os fenômenos que existem na natureza, mas serve para subsidiar o indivíduo em seu papel dentro dela, explicando por qual razão fazer parte de tal grupo ou sociedade, e formas de agir de acordo com ela.

Ainda assim, o indivíduo ao acreditar que pode controlar a natureza, entra em um estado de ansiedade e tensão que gera conflito ao relacionar-se com a natureza, perdendo-se ao exercer seu papel no mundo. No entanto, se o mito não tem a função de proporcionar o controle do homem pela natureza, ele tem o poder de oferecer uma função pedagógica do homem sobre ela (Campbell, 2014).

Sabe-se ainda, que a mitologia está envolvida até nos papéis sociais que as pessoas desempenham, porque estabelece princípios os quais os profissionais devem seguir para serem reconhecidos como tal. Evidencia uma série de papéis e características que cada profissional deve exercer para de fato ser qualificado como profissional.

Na mitologia grega, por exemplo, o deus Apolo é considerado o deus do Sol, ele é reconhecido por exercer a função de combater a escuridão, trazendo vida e felicidade para os

homens. Ou seja, para que ele efetivamente seja nomeado como o deus do Sol, precisa-se cumprir uma série de papéis e princípios que a ele foi depositado.

Assim como na mitologia grega, cada deus possui um determinado poder e uma determinada função, e com o profissional da modernidade ocorre algo semelhante. As profissões podem ser consideradas personagens mitológicos, inclusive a de psicoterapeuta, reconhecida muitas vezes pela sociedade como possuidora de todo o conhecimento sobre a mente humana e o poder de libertar as pessoas de seus sofrimentos (Guggenbühl-Craig, 2004).

Pensando no contexto do setting terapêutico, a associação da mitologia grega através do deus Apolo possibilita a compreensão de uma lição importantíssima sobre o papel do analista. Quando se ultrapassa o limite de sujeito pessoal e da identificação do papel profissional, podem ocorrer consequências negativas para o processo de cura do paciente, visto que o terapeuta ultrapassa os limites quando cristaliza sua persona profissional ou, como colocado anteriormente, quando este ignora sua sombra e aspectos obscuros a si.

Assim, o mito permite decodificar situações, mostrar além do que está explícito e identificar probabilidades típicas em que os fatos podem acontecer (Campbell, 2008). Portanto, sua importância dentro do setting terapêutico não seria de proporcionar o controle do profissional diante dos conteúdos expostos pelo cliente, mas sim de se reconhecer enquanto sujeito pertencente do processo e se manter consciente das transformações que podem ser geradas em si mesmo e no próprio cliente. Ademais, apesar de ser pertencente a um contexto histórico-cultural específico, as energias provindas do mito são vivenciadas através da individualidade de cada um (Jung, 2002b).

De forma específica, para melhor compreensão do papel do psicoterapeuta dentro do setting, pode-se pensar sobre as demais características do deus Apolo, irmão gêmeo de Ártemis e filho de Zeus e de Letó. Este deus era patrono da profecia, da arte de usar arco e flecha, da juventude e da medicina, podendo também ser reconhecido pela caridade e às vezes reconhecido como a divindade protetora do rebanho, além disso era o deus da poesia e da música, sendo inspiração para os poetas (Kury, 2009).

Apolo é igualmente lembrado pela sua beleza, nasceu na ilha flutuante de Ortigia e, assim como já mencionado, é considerado o deus do sol, é ele quem traz vida e felicidade, combatendo a escuridão e tendo como missão projetar a claridade sobre as sombras que levam os humanos a terem o conhecimento. No entanto, ao modo que o sol é bom, também pode ser destrutivo e, por essa razão, Apolo passa a ser conhecido pelos seus feitos de ruína no qual suas flechas matam muitos seres (Grimal, 1996). São muitas as tentativas para explicar o nome de Apolo, mas não há como afirmar com certeza. Alguns se aproximam da ideia de assembléia do

povo, ele seria o deus que inspira e guia o povo. Outros traduziram como forte olhando pelo ângulo do deus do arco e da flecha e, em sua ligação com a medicina, alguns associaram a relação com a vida e cuidado com a mesma (Brandão, 1987).

Compreendendo a importância do mito dentro do setting terapêutico, e relacionando com a história do deus Apolo originária da mitologia grega, entende-se através de alguns escritos, que este deus está relacionado com livrar a vida dos obstáculos que os humanos seriam capazes de fazer. Para isso Apolo ocuparia a posição de conselheiro daqueles que caem em desgraça, mostrando-lhes o que fazer e como fazer. Portanto, Apolo é denominado o deus da razão, sendo incumbido de oferecer a luz da verdade aos homens no momento que os auxilia na tomada de consciência de seus pecados. Assim, ele seria o juiz da purificação (Brandão, 1986).

Ademais, Apolo está associado ao número sete, o número da perfeição que simbolicamente é representado pelo céu e a terra, a luz e as trevas. É igualmente por esse motivo que se relaciona com o nome Apolo-deus sol, aquele que traz luz e salvação. Desse modo, através desta luz, Apolo levaria o homem a tomar consciência de sua situação. Entretanto, do mesmo modo que há seus pontos positivos, a natureza de Apolo traz entendimentos obscuros por trás da sua simbologia. Esse deus, também foi conhecido por ser ferir de longe, devido o uso de suas flechas, trazendo consigo um ferimento e levando a morte sem dor. Ao se pensar nas relações atuais, pode se analisar como um relacionamento abusivo, em que o sujeito é ferido sem que perceba (Brandão, 1986).

Assim como Apolo, que representava a luz que iluminava os homens em seus pecados, alguns clientes acreditam que o psicoterapeuta tem esse mesmo poder - de trazer a luz que vai tirá-los do sofrimento, indicando-lhes o que fazer e como fazer. E quando o analista não tem consciência de seus aspectos inconscientes, pode começar realmente a agir dessa forma, como se o caminho para resolver os conflitos do cliente fosse exclusivamente através de seus conhecimentos científicos, de modo que fossem o único meio de livrar as pessoas do mal. Seria a figura do mesmo comparando-se ao poder de Apolo. Este ato pode ser explicado através da contratransferência, a reação emocional que o profissional tem frente a transferência do sujeito em atendimento (Kast, 2019).

O poder do mito sobre o indivíduo e sobre sua energia psíquica pode ser tão grande que passa a controlá-lo e, quando não há consciência da sua existência, essas energias arquetípicas podem se tornar destrutivas. Isso pode ser observado quando há uma identificação psicológica do indivíduo com a imagem arquetípica, levando-o a entrar em um nível inconsciente de identificação e indiferenciação daquela imagem. Com isso, não se é capaz diferenciar-se dele

mesmo e de sua percepção sobre o objeto ou ideia. Fato psicológico que Jung (2016) denominou de participação mística, em que os fenômenos que ocorrem dentro, também passam a acontecer fora, e vice e versa.

Exposto isso, é preciso compreender como o mito de Apolo pode de fato influenciar no processo terapêutico e, principalmente, na relação entre o analisado e analisando. Fazendo-se necessário pontuar o que o psicoterapeuta tem em comum com a identificação de Apolo, considerando os pontos positivos e negativos da associação da prática clínica com as características deste mito.

4. Aliança ou fraude?

O mito de Apolo sinaliza que a identificação do profissional com a imagem arquetípica está relacionada com o reconhecimento pela sua própria sombra individual e coletiva, visto que o excesso da sombra sobre o psicoterapeuta de forma inconsciente pode o levar a uma compulsão de querer ajudar e salvar os outros - fato considerado comum aos profissionais de saúde (Guggenbühl-Craig, 2004). De certa forma, esse fenômeno pode ser considerado positivo, pois auxilia o paciente em seu processo de autoconhecimento. Entretanto, há que se pensar na contraparte desse conteúdo.

Alguns escritos sobre Apolo, relatam que tamanho é o seu olhar, que tudo ele esclarece e liberta com a sua presença. Brandão (1987) explica que, com esse poder, Apolo concede às pessoas a inteligência e sabedoria para que elas possam obter o conhecimento sobre elas mesmas. Sendo assim, considerando que um dos objetivos da terapia é levar o cliente a reconhecer-se, o psicólogo ao se identificar com a imagem de Apolo acredita que, assim como o deus, possui potencial para levar o indivíduo a obter essa clareza. Até certa medida, isto pode ser benéfico.

Além disso, sabe-se que os clientes ao iniciar a terapia, chegam para a sessão desorganizados e confusos, como se estivessem vivendo no escuro em relação a si mesmo. E, assim como Apolo preza pela técnica e pela organização, o psicoterapeuta também auxilia na desconusão e na compreensão do sujeito, trazendo à luz aquilo que era incompreendido. Para mais, através da técnica e da organização, é possível auxiliá-lo na estruturação e no desenvolvimento do seu ego. Ou seja, do mesmo modo que Apolo possui a missão de projetar a clareza sobre as sombras que levam os humanos a terem o conhecimento, o psicólogo propõe o mesmo aos seus clientes.

Portanto, podemos afirmar que se o deus Apolo aparecer na sessão para estar a serviço das necessidades do paciente, é bem vindo. Especificamente quando o deus é usado de maneira

consciente pelo profissional, quando ele tem clara percepção do que está fazendo e quais suas intenções - retomando aqui a ideia de telos. No entanto, caso ele atue de forma exacerbada e inconsciente, esta identificação com Apolo poderá trazer prejuízos ao processo psicoterapêutico do analisando. Pode ocorrer, inclusive, deste sujeito em atendimento cegar-se para seus próprios conteúdos na esperança de que apenas o profissional saiba sobre ele e o aponte como reagir a vida (Reikdal, 2019).

Pensando neste momento sobre a perspectiva negativa da associação da prática clínica com o mito de Apolo, o deus responsável por toda a sabedoria, é possível remeter o leitor à ideia do fenômeno no qual o psicoterapeuta se identifica com o arquétipo do sábio, acreditando que possui todo o conhecimento e poder de cura sobre o paciente. O profissional internaliza de tal modo o mito que pode trazer características de uma pessoa que tem atitudes de perfeição e saber, agindo dentro do setting com poder autoritário sobre o outro. Pois acredita que é o único que possui o conhecimento para a melhora do paciente, esse o qual mantém uma postura passiva, submetendo-se às condições do analista para alcançar um estado de saúde. Como diz Reikdal (2019), nestes casos, é como se o profissional necessitasse do paciente para manter-se saudável.

Se, de fato, o terapeuta se identifica com essa posição de perfeição e saber e a vivência dentro do setting, ele pode encaminhar de forma involuntária para uma dinâmica de saber mais que o paciente, não permitindo que o sujeito ande com as próprias pernas durante o processo. Nesta relação, portanto, ocorre o abuso de poder do psicoterapeuta frente ao paciente ou, pegando a reflexão aqui proposta, uma relação em que há um deus e um súdito.

Por meio desta identificação, ao invés de propiciar o autoconhecimento, o profissional leva o sujeito a encarar a psicoterapia como salvadora de seus conflitos e única responsável pela melhora de sua saúde mental (Guggenbühl-Craig, 2004). Identifica-se aqui a imagem de um profissional-deus, único que pode lançar luz sobre a escuridão. Nesta condição, a única luz vista é a de Apolo em sua possessão sobre o psicoterapeuta.

Tratando-se da identificação, observa-se a apropriação do ego do psicólogo por uma de suas personas, neste caso, na identificação do sujeito por sua persona de profissional psicoterapeuta diretamente influenciada por Apolo. Sabe-se que de acordo com a psicologia analítica, o conceito de persona pode ser entendido como uma entidade, uma função psicológica que permite o relacionamento com o mundo externo, é como uma máscara que o ego veste para adaptar-se às situações do meio (Edinger, 2004). Bem como toda profissão desenvolve uma persona, a da psicologia é vestida por aqueles que auxiliam na saúde dos sujeitos e, por isso, não é difícil esses profissionais se identificarem com deuses (Guggenbühl-Craig, 2004).

Nas interações entre as estruturas do aparelho psíquico, além da persona, encontra-se a sombra, considerada como uma parte mais inconsciente que a personalidade consciente não deseja admitir que possui. Ela pode ser entendida em duas partes, a sombra pessoal e a coletiva e, quando ambas estão fundidas, pode ocorrer consequências catastróficas. Já não se pode mais discernir o que é uma característica pessoal pertencente ao indivíduo e uma que é coletiva (Edinger, 2004).

Um exemplo disso é quando a sombra profissional identifica-se com a sombra coletiva, com a imagem arquetípica de um ser possuidor de toda a sabedoria e certeza, como por exemplo de um deus Apolo. Nesta identificação, o psicoterapeuta acredita que, como Apolo, ele tem a missão de ter todo o conhecimento sobre o cliente a fim de salvá-lo de sua própria escuridão. Leva o paciente a pensar que somente o profissional é responsável por promover clareza, que somente com a sua ajuda o cliente pode se movimentar nas trevas. Seria como se o profissional tivesse a convicção de saber tudo, pois se utiliza da técnica passada pelos sábios (Guggenbühl-Craig, 2004).

Este fenômeno acontece quando a persona do terapeuta se cristaliza na identificação com o arquétipo do sábio e, ao cristalizar esta persona, o ego perde a capacidade de adaptar-se ao meio, não consegue mais alternar as máscaras e se fixa em uma que se mantém em todas as situações. Ou seja, quando a persona cristalizada do psicoterapeuta se identifica de tal forma com o mito de Apolo, acaba por colocar no centro do psiquismo a ideia de salvador de seu cliente, sendo aquele que trará a felicidade e luz, mostrará o que fazer e como fazer. Com o profissional, pode chegar-se ao ponto de acarretar uma dissolução da personalidade como um todo (Guggenbühl-Craig, 2004).

Dessa maneira, a cristalização da persona do deus Apolo impede o prosseguimento da fase de esclarecimento do cliente para a fase de transformação no processo psicoterápico. Pois, o terapeuta não é capaz de romper com a transferência. Isto ocorre pelo fato de que seus conteúdos inconscientes agora tomam a consciência, a personalidade como um todo foi afetada pela identificação e influenciada pela figura divina.

Portanto, pode-se dizer que o conteúdo do cliente influencia nessa cristalização, visto que os conteúdos expostos pelo cliente dentro do setting de forma consciente afetam o consciente do profissional e, nessa relação, o inconsciente do paciente também gera transformações no inconsciente do profissional. Este fato pode ser visto, quando o indivíduo traz para o atendimento a gratidão pelo psicoterapeuta pela sua melhora e evolução e, ao invés do profissional devolver este conteúdo ao cliente, o introjeta, acreditando realmente que ele é o

grande responsável pelo desenvolvimento. Fato que intensifica a identificação da sombra pessoal com a sombra arquetípica já citada.

Consumando as informações, pode-se compreender que o aparecimento de Apolo no setting possui os dois lados da moeda. Por um lado, há de se considerar o aspecto positivo em que Apolo permite que o profissional sinta-se inspirado por ele, gerando uma segurança maior para cumprir seu objetivo de levar à luz os conteúdos do sujeito. Possibilita-se nesse processo que o cliente se aproprie deles e obtenha o autoconhecimento. Além de ser um aliado no processo psicoterapêutico, leva o paciente a realizar um dos principais objetivos da psicoterapia, o processo de individuação.

Por outro lado, deve-se ter atenção com o pólo negativo dessa figura. No qual Apolo adentra ao setting terapêutico interferindo de tal maneira que passa a existir a possessão da energia desse deus. Isso pode levar o psicoterapeuta a se identificar com essa figura imaginando-se superior aos demais, acreditando que é conhecedor de toda a técnica e, por esse motivo, utiliza-se apenas dela no processo. Neste percurso ignora o contexto e as subjetividades presentes em todo o processo psicoterapêutico. Encaminha a relação para uma forma vertical, colocando-se acima de seu paciente e dificultando o processo do sujeito de caminhar de acordo com seus desejos e vontades. Nesta relação, ocorre o que Guggenbühl-Craig (2004) chama de abuso de poder do psicoterapeuta sob seu paciente e, como visto nos escritos anteriores, pode-se dizer que nestas situações vê-se a luz de Apolo, o perfeito senhor de tudo.

5. Considerações finais

A partir dos estudos realizados chega-se à ideia da necessidade de pensar em aspectos apolíneos ligados à psicoterapia. O estudo do mito faz perceber que esse deus pode influenciar os sujeitos a olhar para dentro de si e assim auxiliar na busca de suas singularidades e na compreensão dos processos da vida de forma simbólica. Do mesmo modo, além de dar forma aos arquétipos, o mito influencia além do sujeito individual o aspecto social, relacionando-se aos comportamentos e influenciando através da sociedade de forma geral.

Ademais, pensando na psicoterapia e como as energias de Apolo podem influenciar através da sua simbologia divina, há de se considerar seu papel reconhecido como o protetor de seu rebanho, que concede a luz e combate a escuridão de tal modo que leva os sujeitos a tomar consciência de suas sombras e obter a clareza sobre elas. Igualmente, nesta relação leva a movimentação de conteúdos internos e um olhar sensível para reorganização - chegando ao processo da estruturação do ego.

Diante do que foi trabalhado, deve se atentar para a energia que Apolo pode manifestar nas relações terapêuticas. Verificou-se que esse deus pode adentrar de forma positiva colaborando com o processo, uma vez que o profissional usa de forma consciente para auxiliar na organização e na compreensão do cliente por seus conteúdos, trazendo insights para o que antes estava indistinto. Ou, de outro modo, deve se observar que há seus pontos negativos, os quais surgem quando o profissional cristaliza-se nas características de Apolo - o deus da razão, da técnica, um deus solar e da iluminação sobre as trevas. Aquele que acredita que apenas suas técnicas e intervenções são capazes de salvar o sujeito de sua escuridão. O que acarretaria uma relação de dependência, em que o sujeito não conseguiria evoluir por si só.

A presença de Apolo não ocorre sozinha. Por se trabalhar com imagens mitológicas e outros campos do conhecimento, a psicologia analítica também demonstra que outros personagens estão presentes dentro do processo. A intenção de perceber alguns movimentos através da imagem de Apolo é por perceber que a exacerbação de técnicas e resolução de problemas de forma quase inumana estão cada vez mais presentes. Esse questionamento levou a perceber o quanto ainda há que se pensar no processo psicoterapêutico, afinal, nem tudo que é tomado como solução da problemática apresentada pode ser encarado sem consequências - mesmo que inconscientes.

Referências

- Brandão, Junito de Souza. (1986). *Mitologia Grega* (v.1.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brandão, Junito de Souza. (1987). *Mitologia Grega* (v.2). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Campbell, Joseph (2008). *Mito e transformação*. (1a ed.). São Paulo, SP: Ágora.
- Campbell, Joseph (2014). *O poder do mito* (33a ed.). São Paulo, SP: Palas Athena.
- Edinger, Edward F. (1993). *O sentido da consciência*. In *A Criação da Consciência: O mito de Jung para o homem moderno* (pp. 33-56). São Paulo: Cultrix.
- Edinger, Edward F. (2004). *Ciência da alma: uma perspectiva junguiana*. São Paulo: Paulus.
- Eliade, Mircea. (2019). *A estrutura dos mitos*. In *Mito e realidade* (pp. 6-19). São Paulo: Perspectiva.
- Grimal, Pierre. (1996). *Dicionário da mitologia grega e romana*. (1a ed.). Rio de Janeiro : Bertrand-Brasil.
- Guggenbühl-Craig, Adolf. (2004). *O abuso do poder na psicoterapia: e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério*. (1a ed.) São Paulo, SP: Paulus.
- Jung, Carl Gustav. (2011). *A prática da psicoterapia*. (16a ed. OC, Vol. 16) Petrópolis, RJ: Vozes.

- Jung, Carl Gustav. (2023). *Os Fundamentos da Psicologia Analítica*. (1a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jung, Carl Gustav. (2002a). *A natureza da psique*. (5. ed. OC, Vol. 8/2) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jung, Carl Gustav. (2002b). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. (2. Ed. OC, Vol. 9/1) Petrópolis, RJ:Vozes.
- Jung, Carl Gustav. (2016). *O homem e seus símbolos*. (3a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Harper Collins Brasil.
- Jung, Carl Gustav. (2013). *Tipos psicológicos*. (7a ed. OC, Vol. 6). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kury, Mario da Gama. (2009). *Dicionário de mitologia grega e romana*. (8a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Kast, Verena. (2019). *Jung e a Psicologia Profunda: Um guia de orientação prática*. (1a ed.). São Paulo: Cultrix.
- Reikdal, M. (2019). *Apolo adentra a clínica junguiana: reflexões sobre a contratransferência*. Self - Revista Do Instituto Junguiano De São Paulo, 4(1), 1–20. Recuperado de: <https://self.ijusp.org.br/self/article/view/34>
- Von Franz, Marie-Louise (2021). *A imaginação ativa na psicologia de C. G. Jung*. .In Psicoterapia (pp. 166-183). São Paulo, SP: Paulus.
- Zweig, Connie; ABRAMS, Jeremiah. (1991). *Ao encontro da sombra: O potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. (1a ed.) São Paulo: Cultrix.